

**TEOLOGIA DO AFETO:
a arte de encontrar
Deus no outro**

Júlio César Medeiros da Silva Pereira

**TEOLOGIA DO AFETO:
a arte de encontrar
Deus no outro**

LETRCAPITAL

Copyright © Júlio César Medeiros da Silva Pereira, 2025

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610,
de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados,
sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

PROJETO GRÁFICO E CAPA Maria Clara Fagundes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P492t

Pereira, Júlio César Medeiros da Silva
Teologia do afeto : a arte de encontrar Deus no outro / Júlio César
Medeiros da Silva Pereira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2025.
128 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5252-231-3

1. Teologia pastoral. 2. Aconselhamento pastoral. 3. Afeto - Aspectos
religiosos - Cristianismo. I. Título.

25-101591.0 CDD: 253.5
CDU: 27-465:152.41

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
04/11/2025 06/11/2025

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

Agradecimentos

Agradeço a Deus, primeiramente, por este trabalho finalizado, fruto de um longo caminho de reflexões. Percebo que, somente com Sua ajuda, poderia ter trilhado este percurso de aprendizado simples, mas transformador. Espero, de coração, que seja também para você, leitor.

Agradeço a minha esposa que, nesta hora, é a pessoa que mais precisa de afeto como demonstração do amor. O conforto na luta contra doenças tão devastadoras é sempre um remédio eficaz para a saúde da alma e do corpo. Escrevo como quem crê que sua companhia foi e sempre será necessária, afinal, um livro não se escreve apenas com letras, palavras e parágrafos.

Agradeço a minha família e temos novos integrantes: o primeiro, meu netinho Bernardo; o segundo, meu genro Lucas; o terceiro, outro genro, o Rômulo. A família já cresceu bastante, mas ainda tem lugar, principalmente para os netos, minha esposa que o diga.

Agradeço também a você, que agora me lê. Afinal, o que seria de um livro sem os olhos, o coração e a escuta sensível de seus leitores? Que estas páginas despertem em você algo mais profundo que palavras: despertem presença, toque,

empatia. Que esta leitura seja um encontro — com o outro, consigo mesmo e, quem sabe, com Deus. É tempo de afeto, é tempo de "afetar"

Agradeço também a você, que agora me lê. Afinal, o que seria de um livro sem os olhos, o coração e a escuta sensível de seus leitores? Que estas páginas despertem em você algo mais profundo que palavras: despertem presença, toque, empatia. Que esta leitura seja um encontro — com o outro, consigo mesmo e, quem sabe, com Deus. É tempo de afeto, é tempo de "afetar"

A todos vocês, muito obrigado!

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO	
<i>O Desafio de uma Teologia Afetiva</i>	<i>12</i>
CAPÍTULO 1.	
<i>Por que precisamos de uma Teologia do Afeto?</i>	<i>21</i>
CAPÍTULO 2.	
<i>Jesus e a prática do afeto em um contexto de exclusão.....</i>	<i>36</i>
CAPÍTULO 3.	
<i>A natureza como criação divina: a aproximação da ecoteologia e a cultura africana podem muito em seus efeitos</i>	<i>44</i>
CAPÍTULO 4.	
<i>Afeto e cuidado: o legado da cultura africana nas favelas e o contraditório papel da população negra</i>	<i>63</i>
CAPÍTULO 5	
<i>O Evangelho Holístico: a integração entre corpo, alma e espírito.....</i>	<i>68</i>
CAPÍTULO 6	
<i>Jesus e o Afeto: um encontro com os excluídos do Seu tempo e os de hoje</i>	<i>84</i>

CAPÍTULO 7

*Afeto e saúde mental – a urgência do cuidado
em tempos de adoecimento*94

CAPÍTULO 8

*Afeto e sabor: nem sempre a igreja foi insípida –
a história esquecida da luta protestante
contra a escravidão*102

CAPÍTULO 9:

*Afeto e reconciliação – saúde
e adoecimento em ambiente religioso*115

CONCLUSÃO:

O caminho do afeto na teologia cristã121

REFERÊNCIAS124

Apresentação

Este livro é fruto de algumas reflexões que fiz ao longo da minha caminhada espiritual. Nela pude examinar e propor outra teologia que não fosse a que eu havia estudado. Uma teologia que, de fato, dialogasse com o homem, ou ainda, que dialogasse comigo mesmo.

Uma teologia que me trouxesse respostas para a existência de um Deus muito diferente das pregações que ouvi, dos sermões que escrevi ou dos hinos de guerra que cantei. Uma teologia que trouxesse para perto o que estivesse longe, música aos ouvidos de quem precisasse de acolhimento; que fizesse sentido em um mundo cada vez mais caótico e sem sentido.

Uma teologia que, embora humana, é claro, pudesse iniciar o pensamento acerca do Deus que acredito. Um Deus de perto e não de longe, tão perto a ponto de poder senti-lo. Um Deus que, por sinal, O encontrei, se é que isto é possível, para além dos dogmas da minha própria religião.

Observado nos cantos de outros povos, vislumbrado nas religiões tradicionais, contemplado nas religiões orientais, apenas um Deus que, para mim, está mais perto do que o pregado aos gritos dos púlpitos raivosos; um Deus não iracundo, nem mal-humorado. Um Deus que eu gosto de gostar e ter encontrado-O neste caminho.

Talvez este livro não seja mais do que isto: uma tentativa, confesso muito inicial, de compreender um pouco deste Deus tão conhecido, mas tão mal com-

preendido que, no entanto, se revela tantas e tantas vezes na simplicidade da vida, de maneira que nem percebemos o seu contato através do afeto manifestado pelo fôlego da vida.

Se você também deseja conhecer um pouco deste Deus, ou aliás, um estudo que ajude minimamente a conhecê-lo, te convido a olhar para o seu próximo, pois uma linda forma de encontrar Deus é no diálogo, cuidado e afeto para com o outro.

É possível que você encontre respostas que te surpreenderão. Claro, não temos todas, nem é o nosso propósito, mas pretendemos apenas apontar um dos caminhos, o do afeto.

Então, te convido a vir comigo e pelas próximas páginas e capítulos refletirmos sobre como o afeto pode se tornar o antídoto mais poderoso para um mundo tão inseguro e mal, que leva ao distanciamento de Deus e do outro.

Vem.

Pr. Júlio César Medeiros da Silva Pereira

INTRODUÇÃO

O Desafio de uma Teologia Afetiva

“Procurei a Deus e não o encontrei.
Procurei o meu próximo,
e nos encontramos os três.”

Gabriela Mistral

O mundo em que vivemos passa por uma profunda e constante transformação. Nele, a busca por poder e dominação passou a ser a regra das relações humanas; mais do que nunca, então, surge a necessidade premente de uma teologia que vá além das convenções teológicas e dogmáticas e se aprofunde, de fato, no cuidado e no afeto. A “Teologia do Afeto” que proponho baseia-se num entendimento de uma visão renovada de fé, onde o amor e o cuidado se tornam elementos centrais das relações preconizadas por Jesus.

Nossas relações humanas, muitas vezes, são marcadas pela indiferença, pela superficialidade e pela exclusão. O avanço tecnológico, com suas ferramentas de comunicação instantânea, paradoxalmente tem gerado um aumento da solidão, do distanciamento emocional e da fragmentação das relações interpessoais. No contexto cristão, vemos também uma crescente desconexão entre o Evangelho de Jesus e as práticas e posturas da igreja,

que muitas vezes se distanciam do exemplo de afeto, cuidado e inclusão que Ele nos deixou. Este livro nasce da necessidade urgente de resgatar uma **Teologia do Afeto**, que recupere a centralidade do amor e da reconciliação como pilares do cristianismo. O afeto, como expressão do amor de Deus, não é apenas um sentimento; é uma prática ativa de cuidado, inclusão e restauração.

A intenção deste trabalho é provocar uma reflexão profunda sobre como a Igreja, enquanto corpo de Cristo, pode ser **um espaço de cura e reconciliação**, promovendo não apenas uma fé doutrinária, mas uma fé que se reflete em atitudes concretas de acolhimento e transformação.

Cada capítulo deste livro busca mostrar que o afeto é, na verdade, uma forma de pensar uma Teologia Integral que envolve todos os aspectos da vida humana: espiritualidade, relações interpessoais, justiça social, cuidado ambiental e saúde mental. Espero, com este trabalho, que o leitor seja desafiado a viver uma fé mais autêntica, mais próxima do exemplo de Cristo e mais comprometida com o cuidado do outro e da criação.

Neste panorama de destruição e guerra de todas as ordens, parece que o ódio e destruição passaram a normatizar a conduta do homem contemporâneo e, assim, marcada por cisões e divisões políticas, conflitos ideológicos e uma crescente crise ecológica. O homem se afasta cada vez mais do seu propósito no planeta que gostamos de chamar de Terra. Por causa dela e por causa de nós mesmos, precisamos mais do que nunca de uma teologia que abraça, que cuide, que acolha, que transborde um amor capaz de recuperar a essência do homem. Este que é, em última análise, ou deveria ser, o reflexo do Criador.

Foi pensando nisto que recorri ao pensamento vigoroso de Miroslav Volf que, em sua obra “Exclusão e Abraço”, reflete sobre o poder do fundamento da inclusão e perdão. Volf discute como, em uma realidade humana marcada pela exclusão, o ato de abraçar e acolher aqueles que foram rejeitados é uma das manifestações mais radicais e transformadoras do amor cristão. Ao refletir profundamente sobre a exclusão e a necessidade de abraçar os outros, mesmo aqueles que, à primeira vista, parecem inimigos ou aqueles que nos excluem. Com base na Teologia da Reconciliação, ele chega a conclusões importantíssimas para os nossos dias. Sua perspectiva é vital em nossa teologia, pois subverte a tendência de afastamento e apatia que permeia as nossas relações hodiernas, pois para ele, a mensagem restauradora do Evangelho, representada pela metáfora do “abraço” é o antídoto para a exclusão e o mal que no homem habita.

Recorro também à filosofia africana que, por sua vez, nos ensina que o afeto é a base das interações humanas, incluindo o respeito pela natureza como uma criação divina. Na visão de mundo africana, existe uma conexão entre todas os seres, onde a natureza é valorizada não apenas como recurso, mas como irmã. Nesta abordagem holística, em que o homem deixa de orbitar o centro hierárquico das relações, a mensagem do Evangelho passa a ser compreendida não apenas pelo interesse conciliatório do espírito do homem, mas da sua totalidade – corpo, alma, espírito, no qual está inserido o Criador de tudo e todos.

Primar pelo afeto como uma prática tem o intuito de resgatar a imagem de Jesus como aquele que, em contexto de opressão e injustiça, se aproximava dos marginalizados, tocava nos intocáveis e acolhia os excluídos. Ele não se limitava a uma prática religiosa distante; ao contrário, sua vida e ministério foram marcados pelo contato próximo com aqueles que mais necessitavam de afeto e cura. Ao longo deste livro, exploraremos como sua compaixão prática e seu amor incondicional podem se tornar o modelo para uma vida de fé que precisamos.

Se é verdade que vivemos em um mundo onde, paradoxalmente, a necessidade de amor, acolhimento e cuidado nunca foi tão urgente; é verdade também que, ao que parece, nunca estivemos tão distantes desses valores em nosso cotidiano. Em um cenário global de crescente caos político, social e ambiental, em que a dor, a exclusão e a desesperança parecem dominar, surge uma pergunta fundamental: que tipo de teologia é capaz de responder a esses desafios? A resposta que proponho ao longo deste livro é simples e profunda: precisamos de uma teologia para além da aprendida nos bancos dos seminários eivados de dogmatismo, aliás, se é possível fazer teologia, ou seja, um estudo sobre Deus, que não seja pelo viés sistemático, dogmático, arbitrário e irado, tentando a todo o custo dar respostas completas sobre o sobrenatural que mal entendemos e, no afã de responder a tudo, cunha-se conceitos que falam mais de nós do que o sagrado.

O que eu escrevo propõe uma reflexão sobre uma teologia que transcende os discursos e doutrinas tradicionais, buscando viver o Evangelho em sua forma mais radical e prática. O afeto, enquanto ação e sentimento, deve ser o motor de nossa fé, a força que impulsiona as nossas ações em direção ao outro, à natureza e ao próprio Deus. O afeto, enquanto prática teológica, é uma teologia que cuida, que ama, que acolhe e que inclui.

Defino agora o que seja uma Teologia do Afeto: sendo a teologia a ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza, de seus atributos e de suas relações com o homem e com o universo, ou seja, que se propõe ao estudo de Deus. Uma Teologia do Afeto seria um estudo de Deus tendo por premissa o afeto como mediador, não como salvador, mas como instrumento de ação, entre Deus e o homem, o homem e seu próximo (incluindo a natureza como criação divina). Uma visão dialética em que a leitura dos textos sagrados, a vida, as práticas cotidianas e as relações são mediadas a partir do carinho, do aconchego, do amor de Deus que ama as suas criaturas e as orienta para que se amem mutuamente. O afeto é uma forma de manifestação do amor de Deus aos homens, existem outras, mas neste livro, preferi abordar apenas esta. Deixo as outras para demais ocasiões.

Estrutura do Livro:

CAPÍTULO 1:

Por que precisamos de uma Teologia do Afeto?

Neste primeiro capítulo, exploraremos a base bíblica e teológica da necessidade de uma Teologia do Afeto. Discutiremos o papel central do amor nas escrituras e como a Igreja, ao longo da história, tem se afastado dessa prática essencial. O objetivo é apresentar o afeto como uma dimensão central do Evangelho e como ele pode ser a chave para a transformação das relações humanas, especialmente em um mundo tão marcado pela exclusão.

CAPÍTULO 2:

Jesus e a prática do afeto em um contexto de exclusão

Aqui, vamos examinar o exemplo de Jesus, que demonstrou um amor radical e inclusivo, especialmente para com os marginalizados de sua época. Vamos analisar como suas ações de afeto, como o toque, o acolhimento e a escuta ativa, foram praticadas em um contexto de grande exclusão social e religiosa, e como isso serve de modelo para a igreja contemporânea.

CAPÍTULO 3:

A natureza como criação divina: a aproximação da ecoteologia e a cultura africana podem muito em seus efeitos

Este capítulo aborda a importância da natureza como criação divina e o chamado cristão para sua preservação. Faremos uma conexão entre a **ecoteologia**

e a **cultura africana**, que vê a natureza não apenas como um recurso, mas como parte do tecido sagrado da criação. Vamos analisar como uma teologia que integra o cuidado com a criação pode gerar frutos de reconciliação entre os seres humanos e o ambiente.

CAPÍTULO 4:

Afeto e cuidado: o legado da cultura africana nas favelas e o contraditório papel da população negra

Neste momento vamos explorar como o afeto e o cuidado se manifestam nas comunidades ou favelas, principalmente devido ao **legado da cultura africana** que foi transmitido aos afrodescendentes ao longo da história. A Ancestralidade, de certa forma, é retomada para demonstrar como o afeto está presente nas comunidades carentes e favelas, mas que as mesmas, se tornam, devido a vários fatores, um ambiente inóspito, justamente para seus habitantes.

CAPÍTULO 5:

O Evangelho Holístico: a integração entre corpo, alma e espírito

A Teologia do Afeto não se limita apenas ao amor pelas pessoas, mas inclui o amor integral pelo ser humano. Neste capítulo, discutiremos a **integração holística** entre corpo, alma e espírito, e como a igreja deve promover uma fé que cuida de todas essas dimensões da vida humana. O afeto envolve o cuidado com o corpo e a saúde mental e não podemos dissociar o Evangelho da nossa realidade física e emocional.

CAPÍTULO 6:

Jesus e o afeto: um encontro com os excluídos do seu tempo e de hoje

Exploraremos como o afeto de Jesus foi direcionado para aqueles que eram considerados **excluídos e marginalizados**. Este capítulo vai além da simples análise das ações de Jesus, trazendo um convite para a igreja refletir sobre como ela pode se tornar um espaço de acolhimento para os excluídos de nosso tempo: os pobres, as minorias étnicas, os que estão à margem da sociedade.

CAPÍTULO 7:

Afeto e saúde mental: a urgência do cuidado em tempos de adoecimento

Neste capítulo, discutiremos como o afeto é essencial para a **cura emocional e psicológica**, especialmente em tempos em que a saúde mental está sendo fortemente impactada pelo estresse, ansiedade e outras condições psicossociais. A igreja, como espaço de cuidado, deve ser uma referência para o apoio emocional, praticando uma espiritualidade que cuida das feridas emocionais e promove o bem-estar.

Capítulo 8:

Afeto e sabor: nem sempre a igreja foi insípida – a história esquecida da luta protestante contra a escravidão

Aqui, vamos trazer à tona a história da igreja protestante, que, em um momento de sua história, se levantou contra a escravidão e a opressão. Vamos analisar a atuação dos **Quakers, John Wesley** e outros

grupos protestantes na luta abolicionista. Este capítulo serve para resgatar a memória histórica de uma igreja que, em muitos momentos, foi radicalmente afetiva e compromissada com a justiça social.

CAPÍTULO 9:

Afeto e reconciliação: saúde e adoecimento em ambiente religioso

No último capítulo, refletiremos sobre como a igreja, como instituição, pode promover a **reconciliação** entre o afeto e a saúde. Discutiremos a importância de uma Teologia do Afeto no ambiente religioso, especialmente considerando os aspectos de **adoecimento emocional e espiritual**.

Como a igreja pode se tornar um local de cura, saúde e reconciliação em um mundo dividido e marcado pela dor?

CONCLUSÃO

Ao final deste livro, esperamos que o leitor tenha refletido profundamente sobre o papel central do **afeto na teologia cristã**, reconhecendo sua importância não apenas como um sentimento, mas como uma **prática transformadora**. O afeto é o caminho para restaurar a dignidade humana, curar feridas históricas, promover a justiça social e reconectar a Igreja com sua missão original de ser sal e luz no mundo.

Agora, convido você a seguir para o **Capítulo 1**, onde começaremos a explorar, em profundidade, as razões pelas quais precisamos de uma **Teologia do Afeto** em um mundo que tanto carece de amor e acolhimento.



Por que precisamos de uma Teologia do Afeto?

Vivemos em um tempo em que, em diversos contextos, a palavra “teologia” parece se distanciar das experiências práticas de cuidado, acolhimento e amor. Em muitos casos, a teologia tem se tornado um exercício acadêmico autorreferente ou um instrumento de manutenção de poder, frequentemente alheio às urgências humanas concretas. É sintomático, por exemplo, o fato de que raramente teólogos são convidados para discutir, em espaços públicos, temas como os conflitos no Oriente Médio, a crise ambiental ou os desafios sociais contemporâneos. Quantas vezes vimos a voz teológica ocupar espaço relevante no debate público sobre essas questões? Provavelmente, é possível contar nos dedos. Isso sugere que, em boa parte das práticas institucionais e intelectuais, a teologia — ou ao menos parte significativa dos que a produzem — tem falhado em dialogar com as dores e dilemas do cotidiano.

Importa ressaltar que essa crítica não se dirige à teologia em sua essência, tampouco desconsidera o valor dos inúmeros teólogos e teólogas que, ao longo da história e na contemporaneidade, têm promovido reflexões profundas, comprometidas com o cuidado, a justiça e a dignidade humana. Pensadores como Dietrich Bonhoeffer, Leonardo Boff, Rubem Alves, James Cone,

Ivone Gebara e Miroslav Volf — entre tantos outros — demonstram que a teologia pode ser, sim, um campo de resistência, de escuta sensível e de transformação social. É contra uma teologia desumanizada, descolada da realidade concreta dos povos e das dores do mundo, que este livro se posiciona. Ao contrário, aqui se defende uma teologia encarnada, capaz de tocar a vida como Jesus tocava os enfermos, com verdade, afeto e compromisso."

Este capítulo visa refletir sobre a **necessidade urgente de uma Teologia do Afeto** que resgate o caráter prático, inclusivo e transformador da fé cristã. Propomos uma teologia que vá além do intelecto, tocando o coração humano, curando feridas e promovendo uma comunidade cristã acolhedora, compassiva e socialmente engajada. A partir da constatação de que o mundo moderno enfrenta uma **crise de empatia** e que as teologias atuais frequentemente não abordam essa questão de forma eficaz, argumentamos que a verdadeira teologia não deve se limitar às doutrinas abstratas e vazias, antes, deve **encarnar o amor de Cristo** em transformar todas as esferas da vida humana.

Difícilmente vemos teólogos propondo caminhos, enfatizando ações concretas no mundo para resolver as mazelas sociais nas quais habitamos em nosso dia a dia. Eles não estão nos diários de TV dando entrevistas, nem escrevendo artigos para leigos criticando as guerras e a produção de armas de destruição em massa. Talvez estejam ocupados demais em seus próprios mundos e gabinetes pastorais ou discutindo seus dogmas religiosos e códigos institucionais. Perderam-se na empoeirada e longo labirinto do tempo em que tinham algo a dizer sobre o mundo.

Pode-se até criticar o famoso e falecido pregador Billy Graham, por seu alinhamento, evidentemente, aos interesses de seu país. Mas ele tinha algo a dizer ao mundo. No contexto da Guerra Fria, a luta não declarada em um mundo capitalista liderado pelos EUA e um mundo socialista liderado pela antiga União Soviética, o pregador americano tinha uma mensagem. Embora, abertamente ao lado dos que o financiavam, ele se colocava como uma voz no mundo. Milhares de pessoas se converteram ao Evangelho a partir das suas pregações.

Por exemplo, o **Pacto de Lausanne**, assinado em 1974, foi um dos marcos mais importantes na história do cristianismo contemporâneo, redefinindo a missão da igreja no mundo. O evento, realizado na Suíça, reuniu líderes evangélicos de diversos países com o objetivo de reafirmar o compromisso da igreja com a evangelização e a transformação social. Entre os principais articuladores estava **Billy Graham**, um dos evangelistas mais influentes do século XX, cuja visão ampliou o entendimento do papel da igreja, reforçando que a proclamação do Evangelho não poderia estar dissociada da responsabilidade social. O Pacto de Lausanne destacou que a missão cristã não se restringe à pregação da fé, mas também à luta contra a injustiça, a pobreza e todas as formas de opressão que desumanizam as pessoas.

Dentre os principais aspectos do documento, destacam-se a ênfase na **evangelização integral**, que compreende tanto a proclamação do Evangelho quanto o compromisso com a dignidade humana e a necessidade de a igreja atuar como um agente transformador da sociedade. O Pacto condenou expressamente a indi-

ferença da igreja diante das desigualdades e a alertou para a responsabilidade cristã de lutar contra as estruturas opressivas. Além disso, reforçou a importância da unidade entre os cristãos e da contextualização da mensagem evangélica, para que ela fosse relevante em diferentes culturas e realidades.

Entretanto, ao longo das décadas, grande parte da igreja evangélica se distanciou dos propósitos estabelecidos no Pacto de Lausanne. Movimentos teológicos como a **Teologia da Prosperidade** e o **fundamentalismo político-religioso** passaram a ocupar espaço nas igrejas, desviando o foco da evangelização integral para um Evangelho centrado no individualismo e no acúmulo de bens. Além disso, muitas comunidades cristãs deixaram de lado o compromisso com a justiça social e passaram a enxergar a fé apenas como um meio de benefício pessoal. Esse distanciamento comprometeu a credibilidade da igreja diante da sociedade, tornando-a muitas vezes irrelevante na luta por direitos humanos e na promoção da dignidade dos mais vulneráveis.

Hoje, parece que, quando alguns teólogos falam, estão mais inclinados às questões políticas e seus vieses ideológicos do que de fato uma preocupação em apresentar Cristo como uma resposta ao que aí está. Com seus discursos inflamados gastam tempo nas redes sociais para arregimentar fiéis para a sua causa, mas não às de Cristo.

No entanto, o verdadeiro propósito da teologia deve ser justamente o oposto: um sopro de esperança, uma resposta ao desiludido, uma busca incessante por compreender o amor de Deus e aplicá-lo em todas as

esferas da vida humana. É assim que surge a proposta de uma “Teologia do Afeto” como uma resposta ao afastamento das teologias contemporâneas que se afastaram ou nunca estiveram perto de promover a compaixão genuína, o amor prático e a inclusão. Precisamos, urgentemente, de uma teologia que vá além do intelecto, que toque corações, que cure feridas e que inspire uma comunidade cristã acolhedora e compassiva.

Se você assiste o noticiário poderá concordar que a sociedade moderna enfrenta uma crise de empatia. A busca desenfreada pelo sucesso pessoal, o avanço da tecnologia e o aumento das desigualdades sociais criaram uma atmosfera de distanciamento e indiferença do homem em relação ao seu semelhante. E em vez de aproximar as pessoas, a era digital muitas vezes as separa, contribuindo para a solidão, a ansiedade e o sentimento de isolamento; construindo um ambiente perfeito para a depressão.

E este é problema das teologias modernas, posto que algumas se tornaram mais um entrave ao afeto do que trazem uma conexão entre o homem e o Criador. As primeiras destas são as que promovem o domínio, o poder e a prosperidade individual. Mostram-se inadequadas para lidar com a profundidade do vazio espiritual que permeia nossa época¹. Aliás, talvez elas mesmas sejam uma das forças motrizes que catapultam o homem no vazio do desejo de possuir e conquistar o mundo. Essas teologias, centradas no “eu” e não no “nós”, centradas no “agora” e não na “espera”, ignoram

¹ Disponível em: << (<https://www.ihu.unisinos.br/637315-a-teologia-do-dominio-refutacao-de-uma-falacia-artigo-de-leonardo-boff-2>)>>. Acessado em 25 de novembro de 2025.

o chamado bíblico para a solidariedade, o serviço ao próximo e o amor desinteressado. É nesse cenário que a Teologia do Afeto se coloca como uma alternativa poderosa e necessária, trazendo de volta o foco para o cuidado, a inclusão e o amor que Cristo exemplificou enquanto esteve no mundo.

Mas quando e por que a teologia se afastou tanto de um pensamento mais abrangente e acolhedor? O monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546), ao introduzir as bases da Reforma Protestante, no século XVI, que viria a abalar os fundamentos do Catolicismo Romano, alertava, sobretudo, que as Escrituras eram a única fonte de autoridade (*sola scriptura*) e que a tão almejada salvação só poderia ser conseguida mediante a fé (*sola fide*). O que viria a reboque das suas 95 teses daria à luz o nascimento das Igrejas Protestantes. O que ele não sabia era que, embora seu pensamento central guardasse forte relação com uma teologia profundamente pastoral e emocional, que abordava temas como o sofrimento e a graça, mais tarde, com o advento do racionalismo, viria a ter desdobramentos, especialmente a partir do século XVIII. Alinhou-se mais à razão do que à fé experiencial, afastando-se de uma abordagem afetiva. Então, embora Lutero buscasse uma fé mais íntima e pessoal, centrada na relação entre Deus e o indivíduo, sua obra abriu caminhos para debates posteriores que enfatizariam a razão.

O segundo grupo de teologias que contribuíram para o caos que vivemos são aquelas que promovem a prosperidade material ou o “se você é abençoado por Deus, mostre-me pela sua riqueza”. Os adeptos destas teologias se esquecem de que o verdadeiro sucesso na

vida cristã está no quanto conseguimos amar, servir e acolher. Assim, a busca por satisfação material é priorizada em detrimento das necessidades espirituais e emocionais, valorizando o poder e o acúmulo de bens.

Temos igrejas superlotadas de pessoas em busca de um enriquecimento rápido e fácil, que embora exija a barganha, com Deus, promete “o melhor desta terra” aos desavisados que frequentam seus cultos em mega igrejas cheias de pompa. Isso mostra que precisamos redescobrir a centralidade do amor de Jesus, um amor que se expressa não apenas em palavras, mas em ações práticas de cuidado, empatia e inclusão. A Sua Palavra nos desafia a transformar nossas igrejas em comunidades verdadeiramente acolhedoras, onde cada pessoa, independentemente de sua origem ou condição, venha a ENCONTRAR um espaço seguro e amoroso. Jesus exemplificou esta teologia afetiva com perfeição em seu contexto histórico. Ele caminhou com os marginalizados, tocou nos intocáveis, ouviu os que ninguém queria ouvir e olhou nos olhos de cada pessoa que encontrou, dignificando-as. Sua compaixão não era distante; ela se expressava em ações concretas, que iam muito além do mero discurso dos religiosos de sua época.

Na época de Jesus, a sociedade era marcada pela exclusão dos doentes, dos pobres e dos que não se encaixavam nas normas religiosas; hoje, essas exclusões permanecem apenas com roupagens diferentes. Ainda existem os que são esquecidos, os que sofrem em silêncio, os que carregam o peso da solidão, da falta de apoio emocional e, muitas vezes, até mesmo espiritual. No entanto, Jesus trazia as pessoas para perto, reconhecia suas dores e necessidades e, de

muitas maneiras, desafiava a estrutura social e religiosa de sua época para acolher quem estava excluído. Seu amor era revolucionário e seu modelo é hoje mais urgente do que nunca.

O apóstolo João declarou: “Deus é amor” (1 João 4:8) e tudo o que provém de Deus deve refletir essa essência. Portanto, uma teologia autêntica não pode ser separada do afeto e da compaixão. O amor não é apenas um sentimento passageiro, mas uma prática constante, que exige sacrifício e entrega. Amar como Jesus amou significa romper barreiras, desafiar preconceitos e acolher o próximo em sua totalidade; ver e tocar o outro.

Dentre os pensadores contemporâneos, é na obra de Miroslav Volf que encontro uma teologia que dialoga com minha proposta. Sua leitura do afeto, da inclusão e da reconciliação oferece bases sólidas para o que aqui proponho como “teologia do afeto”.

Miroslav Volf, em “Exclusão e Abraço”, argumenta que a prática do abraço representa o ponto máximo da inclusão. Em um mundo onde a exclusão é a regra, abraçar o outro – especialmente o excluído, o marginalizado – é um ato revolucionário de amor (VOLF, 2021). Para Volf, o abraço é a imagem que melhor representa o amor cristão em ação, pois envolve a abertura, a aceitação e o acolhimento. O abraço simboliza a disposição de aceitar o outro com suas diferenças, de reconhecer sua dignidade e de integrá-lo em nossa comunidade. Na Teologia do Afeto, o abraço se torna uma metáfora poderosa para uma teologia que não apenas fala sobre o amor, mas que age em amor. Engloba a escuta ativa, o acolhimento e o acompanhamento contínuo das pessoas em suas diversas realidades.

Para entender a proposta de Volf, é fundamental reconhecermos que a exclusão é uma realidade presente em todos os tempos e culturas. A humanidade tem uma tendência inerente de segmentar, julgar e marginalizar os outros com base em raça, classe, religião, entre outras características. Para Volf, essa inclinação pela exclusão surge do medo do outro, do desconhecido e do que ameaça a identidade estabelecida. Ao “excluir”, o ser humano cria uma falsa sensação de segurança e identidade, protegendo-se daquilo que é considerado estranho ou indesejável.

Em um contexto religioso, a exclusão pode se tornar ainda mais rígida e opressiva. Grupos que se veem como “escolhidos” ou “puros” frequentemente elevam barreiras de aceitação e convivência, rejeitando aqueles que não compartilham das mesmas crenças ou práticas. Esse fenômeno não apenas afasta os que precisam de acolhimento, mas também distorce a essência do Evangelho, que prega a inclusão e o amor incondicional.

A imagem do “abraço” proposta por Volf representa uma resposta ativa e radical à exclusão. Diferente de um simples gesto simbólico, o abraço, segundo Volf, envolve uma série de passos importantes: abertura, espera, encontro e retorno. No ato de abraçar, há uma disposição em receber o outro como ele é, sem forçá-lo a se encaixar em um molde pré-estabelecido. Essa ação simboliza uma aceitação genuína, onde o outro é acolhido em sua totalidade, sem porquês e ressalvas.

Volf argumenta que o abraço não ignora as diferenças nem minimiza os conflitos; pelo contrário, apoia plenamente a existência dessas diferenças e da realidade dos mesmos. No entanto, ele ressalta que,

apesar das divergências, a reconciliação e o afeto devem ser os princípios norteadores. Para Volf, o amor cristão, longe de ser condescendente ou passivo, é uma força que permite a verdadeira superação da exclusão, abrindo espaço para o acolhimento e a integração do outro.

O conceito de Volf nos leva a pensar no afeto como uma força transformadora, que não se limita ao campo das emoções superficiais, mas que promove uma mudança real e profunda nas relações humanas. O afeto, quando expresso pelo abraço, é um ato de vulnerabilidade que cria uma ponte entre aqueles que estavam separados. Para Volf, a prática do abraço exige que abandonemos a necessidade de exercer poder sobre o outro e que aceitemos a possibilidade de sermos transformados pela presença dele em nossas vidas.

Contudo, é preciso reconhecer que o abraço proposto por Volf tem um custo. Abraçar o outro, especialmente aquele que representa uma ameaça ou um desafio para nossa identidade, exige que deixemos de lado nossas reservas e pré-julgamentos. É uma atitude que muitas vezes demanda perdão, paciência e humildade, pois envolve aceitar o outro em sua totalidade, com suas falhas, diferenças e imperfeições.

Nos últimos anos, muitos países, especialmente na Europa e nas Américas, implementaram políticas de imigração rigorosas que tratam imigrantes e refugiados como “invasores” ou “ameaças” à segurança e à estabilidade social. O “custo do abraço”, nesse contexto, é uma disposição de acolher aqueles que são, na visão popular e, em muitos casos, impulsionados

por discursos xenofóbicos, vistos como uma ameaça à identidade nacional, cultural e econômica. A acessibilidade dos imigrantes pode desafiar as normas vigentes, a coesão social e até mesmo a própria ideia de “nação”.

Árabes imbuídos de seu forte discurso religioso trazem para dentro da cultura de um Velho Mundo, erodido pelo tempo, paramentos, trajes e rotinas exteriores à cultura europeia, que por sua vez, vive o dilema de ficar sem mão de obra ou aceitar refugiados de zonas de conflito do Oriente Médio. Enquanto eu escrevia este livro, ainda em 2024, o mundo enfrentava uma crise humanitária sem precedentes; com as estimativas alarmantes sobre o número de pessoas deslocadas à força, oriundas de áreas de conflitos e armados. De acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), só em 2023, mais de **117 milhões** de pessoas estavam nessa condição e a previsão é de que esse número alcance **140 milhões** em 2025. Este contingente inclui refugiados, deslocados internos, solicitantes de asilo e apátridas, refletindo o agravamento de conflitos, perseguições e transparência de direitos humanos em diversas regiões do planeta². O “outro” é indesejado nas fronteiras transnacionais e se torna um problema em escala mundial.

Deste lado do Atlântico, as políticas de construção de

² Disponível em: << <https://healthnews.pt/2025/01/28/crise-humanitaria-global-agrava-se-em-2025-alerta-portugal-com-acnur/> >>. Acessado em 4 de março de 2025; e disponível em: << <https://monitormercantil.com.br/numero-global-de-refugiados-seria-o-do-10o-pais-mais-populoso-do-mundo/> >>. Acessado em 4 de março de 2025.

muros, como o projeto da muralha na fronteira entre os Estados Unidos e o México e a ideia de uma deportação em massa, assustam o mundo com quantidade de pessoas que têm sido deportadas de um lado ao outro do globo.

Por tudo isso, a onda crescente de migrações forçadas desafia as políticas migratórias impostas por tais países, especialmente aqueles com legislações mais restritivas. A criminalização de imigrantes e a implementação de medidas que dificultam a entrada e permanência de refugiados em territórios nacionais, não apenas contrariam princípios humanitários fundamentais, mas também ignoram a complexidade das causas que levam ao deslocamento forçado. Alavancados pela extrema direita, o discurso de ódio ao “outro” tem ganhado força e acrescenta mais pólvora em um mundo em ebulição. Seria preciso, urgentemente, que as nações reconsiderassem suas abordagens, adotando políticas mais inclusivas e solidárias, certificadas com os direitos humanos e as necessidades urgentes da população vulnerável.

Não obstante a tudo isso, as políticas públicas e sociais em várias partes do mundo ainda perpetuam a marginalização de **povos negros, indígenas e outros grupos minoritários**. O custo de abraçar o outro nesse caso envolve a superação do medo de perder privilégios conquistados nos tempos da colonização e a necessidade de confrontar e considerar as falhas e injustiças históricas enraizadas nestas sociedades. Um exemplo disso é a **oposição a movimentos como Black Lives Matter**, em que há uma resistência em reconhecer a humanidade plena e a dignidade de indivíduos que pertencem a grupos historicamente marginalizados, como os negros nos

Estados Unidos, Brasil e outros países.

Em nosso caso, em particular, o desafio em “abraçar” o outro está posto, sobretudo nos grandes centros urbanos e suas periferias, onde os jovens negros e até crianças são vítimas constantes do crime e de balas perdidas. Como incluir aqueles que foram jogados à margem, como trazer para perto, aqueles que foram colocados para longe do acesso aos bens sociais no pós-abolição?

Esse cenário sombrio nos desafia a olhar para as diferenças e os conflitos raciais, não como uma ameaça, mas como uma oportunidade de transformação social e reconciliação, onde a verdadeira superação da exclusão passa pelo abraço de quem lhe foi negado, de quem foi ignorado, de quem foi relegado à marginalidade e deixado à própria sorte.

Mas não é só isto, no contexto atual, muitos grupos ainda resistem à plena **igualdade de gênero**, pois veem os direitos das mulheres como uma ameaça à **identidade masculina tradicional** ou ao *status quo* social. A **oposição ao feminismo** e aos avanços das mulheres nos espaços políticos, econômicos e sociais podem ser vistos como um reflexo do “custo do abraço” de Volf. Quando as mulheres reivindicam igualdade, dignidade e o direito ao próprio corpo, muitos **homens e instituições** se sentem desafiados, pois isso coloca em risco as estruturas de poder determinantes e as ideias tradicionais de masculinidade. A luta contra a **violência doméstica**, o **assédio sexual** e as desigualdades no mercado de trabalho são exemplos de onde o abraço deve ser dado, desafiando os preconceitos e posições, promovendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

A exclusão e a marginalização da comunidade LGBTQIA+ em muitas partes do mundo também se encaixam no conceito do “custo do abraço” que Volf descreve. A resistência à consideração dos direitos e à dignidade das pessoas LGBTQIA+ segundo alguns ameaçam a **identidade tradicional da família** ou a **moral religiosa** de algumas comunidades. Em muitos países, leis ainda criminalizam a homossexualidade ou negam direitos básicos, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O custo de abraçar essas pessoas envolve a disposição de superar preconceitos enraizados e aceitar que o amor e o respeito pela dignidade humana sejam valores universais, como cristão comprometido com os valores do Evangelho, acredito que todos devem ser tratados com dignidade, respeito e amor. Reconheço que a Igreja tem o direito de preservar sua doutrina, mas isso não significa negar a outras pessoas o direito de fazerem suas próprias escolhas ou viverem com liberdade e segurança. Amar não implica necessariamente concordar, mas exige reconhecer a humanidade do outro. O chamado de Cristo é para o acolhimento e não para a exclusão.

As **desigualdades sociais e econômicas** também representam uma forma de “exclusão” que desafia o conceito de afeto. Em uma sociedade marcada pela **desigualdade de classe**, muitas vezes aqueles que estão abaixo da linha de pobreza são vistos como “inferiores” ou “incapazes”. O custo do abraço, aqui, é uma disposição de compensar as estruturas sociais, políticas e econômicas que promovem a exclusão e de aceitar a responsabilidade coletiva de garantir que todos tenham acesso à dignidade e aos bens sociais, tais como educação, saúde e trabalho.

Esses exemplos revelam que o verdadeiro **“custo do abraço”** é **superar barreiras de identidade**, seja em termos de **nacionalismo, racismo, gênero ou classe social**. O abraço de que nos fala Miroslav Volf exige uma **abertura para o “outro”**, um atravessamento de nós, para que o “outro” possa ter morada em nós e que este “outro” desafie a nossa compreensão do mundo, a nossa segurança, ou até mesmo a forma como nos vemos, ou até mesmo, e talvez, sobretudo, a nossa religiosidade. O afeto, nesse sentido, vai além de um gesto simbólico; ele se transforma em um **ato radical de inclusão**, é trazer para perto, trazer para dentro e se não for para morar em nós, que pelo menos esteja ao nosso lado. Este ato e, somente ele, é capaz de transformar o outro, a nós mesmos e a sociedade. Para viver, então, essa Teologia do Afeto, é preciso coragem para **romper com os preconceitos** e abrir espaço para um amor **que reconcilia**, que **cura** e que **abraça** o próximo, independentemente das barreiras que tentamos construir.

Quando nos dispomos a **abraçar as diferenças, superando o medo**, nós criamos uma **sociedade mais justa e uma igreja genuinamente cristã**. Volf enfatiza que esse ato de reconciliação não é fácil e, muitas vezes, é doloroso, mas necessário. O verdadeiro desafio aqui é a reconciliação entre a segurança e a hospitalidade, entre o medo do desconhecido e a capacidade de acolher o outro em sua totalidade.

São por essas coisas que, precisamos mais do que nunca, de uma teologia que encontre, que abrace e ofereça conforto; que veja o outro, que abrace a sua dor e que, através do conforto, traga um pouco de vida ao mundo. Jesus veio para curar os corações quebrantados

e trazer vida em abundância – e essa vida inclui a restauração de tudo que aí está.

Querido(a) leitor(a), neste capítulo eu visei destacar a **necessidade urgente de uma Teologia do Afeto**, uma teologia que se alinha com a prática de Cristo, que caminha com os marginalizados, que cura as feridas da alma e que combata as injustiças sociais, pois precisamos de uma teologia que **não seja abstrata**, mas que seja profundamente enraizada no cotidiano das pessoas, refletindo o amor de Deus em nossas atitudes, em nosso cuidado com o próximo e com o meio ambiente.

A crise de empatia e o distanciamento entre fé e vida prática nos mostram que a **igreja precisa recuperar sua missão de ser um espaço de afeto, de acolhimento e de transformação social**. O afeto oferece uma resposta para a dor, para a divisão e para a falta de sentido que permeiam a sociedade contemporânea.

Agora, convido você a seguir para o **Capítulo 2**, onde exploraremos **“Jesus e a prática do afeto em um contexto de exclusão”**. Vamos analisar como Ele, com Seu amor radical e inclusivo, nos chama para uma reflexão sobre a verdadeira prática do afeto em nossas próprias vidas e comunidades.